



Orelhada Rubens Herbst

rubens.herbst@an.com.br (47) 3419-2177

AN.com.br/orelhada



Twitter
@orelhada



Facebook
Rubens Herbst



DIVULGAÇÃO

Instrumental de valor

Pense num baterista joinvilense que faz do jazz e da música brasileira sua profissão de fé e o nome de Cadu Floriani virá à mente sem muita dificuldade. Profissional há pouco mais de dez anos, quando no extinto (e importante para a cena local) Quarteto Dedo de Prosa, Cadu já dividiu palcos e estúdios com grandes figuras da música instrumental, como Vinicius Dorin, Gilberto de Syllos, Lupa Santiago, Edu Ardanuy, Cássio Moura, Arnou de Mello, Edu Ribeiro, Bob Wyatt e Endrigo Bettega. Hoje, toca com o Quinteto Revoada, as bandas Jeff Label e Rock n' Soul Band e produz shows e *workshops* na cidade, mas é o Mesa Três – o novo batismo do Livertrio – que ocupa suas maiores atenções no momento. Abaixo, a conversa que *Orelhada* levou com o batera.



Por que a mudança de nome?

Cadu Floriani – Achamos o nome Livertrio muito americanizado, e o nosso foco é a música instrumental brasileira. Certa noite, em uma mesa de bar, discutíamos sobre o possível nome e, depois de várias tentativas frustradas, veio o Mesa Três! Não era a mesa número três, mas nós três estávamos nela.

Vem disco por aí, e parece que cheio de convidados...

Cadu – Em julho, o Mesa Três viaja para São Paulo para gravar o primeiro CD. Escolhemos o Estúdio Salaviva, com o experiente Alberto Ranellucci, que é um dos profissionais mais requisitados do Brasil. Teremos as participações especiais de Fábio Torres (pianista do Trio Corrente e ganhador do Grammy Latino de 2014), Lupa Santiago (guitarrista) e Vinicius Dorin (saxofonista solo e da banda de Hermeto Pascoal).

A cena da música instrumental de Joinville te empolga?

Cadu – Não vou dizer que empolga, mas temos músicos que lutam pela música instrumental. Uma grande conquista é a Jam Joinville, que acontece todas as terças no Capitão

Space, organizada pelo baixista Marcos Archetti.

Qual a saída para ela crescer?

Cadu – Investimento em cultura, a volta do Joinville Jazz Festival e projetos para a formação de plateia, como o Um Dedo de Prosa Sobre o Jazz, com o qual percorremos 100% das escolas municipais falando sobre jazz e música brasileira.

O quanto a Orquestra Cidade de Joinville e a Joinville Jazz Big Band podem contribuir para o crescimento e o conhecimento do público local?

Cadu – São dois projetos superimportantes para a cultura de Joinville. Além disso, eles têm cunho social, o que possibilita o acesso à música instrumental por toda a comunidade.

Qual o peso da perda do Joinville Jazz Festival?

Cadu – O maior possível. Se não fosse a influência do Joinville Jazz Festival, talvez o Quarteto Dedo de Prosa não tivesse existido, pois o grupo surgiu em meio ao evento.

Em quem as pessoas devem ficar de olho na música instrumental

de Joinville e região?

Cadu – No meu mais novo projeto instrumental, o Quinteto Revoada, que estreia em maio, no Sesc. Tem também o Quarteto Enraizados, de Jaraguá do Sul, com o Jean Boca e cia. Neste ano, em Joinville, ainda vão rolar os shows de Fábio Torres, Lupa Santiago, Sizão Machado...

A música instrumental é sufocada por gêneros mais populares ou ser um nicho é característica dela?

Cadu – Um grande problema é a falta de acesso e orientação quanto a esse tipo de música. A música comercial está em todo lugar, diferente do jazz e da música brasileira (que já foi popular). Digo que não está sufocada, mas sim escondida.

Nos últimos tempos, apareceram com êxito bandas de rock instrumental. Você acompanha o que surge nesse sentido?

Cadu – Sim, claro! Quando comecei na música, escutava projetos *fusion* como Liquid Tension Experiment, Tritone, Greg Howe... Gosto desse gênero. Em Joinville, surgiu o Projeto 107n, dos irmãos Menderson e Michel Falcão, totalmente *fusion*, com bastante pegada *rock n' roll*.



ESSE CARTÃO É
UM ESPETÁCULO

Informações:
47 3419.2020
(Joinville ou celular)
OU
0800 475454
(Demais regiões)

CLUBE DO
ASSINANTE
ANotícia